

*Homenagem à Professora
Maria Cristina Alves dos Santos Pessi (in memorian)*



Querida Cris,

Vou tentar imaginar que te escrevo porque estás longe, sim, mas em uma viagem terrena, como tantas que fizeste, sempre buscando aprender mais e trazer esses novos horizontes para teus alunos. Chegando em casa, hoje à noite, recebi o convite da Teresa Mateiro para participar desta homenagem à tua pessoa, neste número da Revista Nupeart dedicada aos Estágios Curriculares Supervisionados. Nada mais apropriado, esta homenagem. E nada mais honroso para mim, o convite.

Os Estágios Curriculares Supervisionados, espaço privilegiado no currículo de formação de educadores, porquanto momento de colocar em prática todo o repertório teórico-prático vivenciado até aquela determinada etapa, é um momento delicado na formação do futuro profissional, não é mesmo, Cristina? Esses momentos

funcionam como uma espécie de batismo de fogo para nosso aluno de Licenciatura e esse exercício profissional terá muito peso na sua vida do educador, acho que vais concordar comigo.

Tu sabes bem, e melhor do que ninguém, Cristina, que em muitos casos, do Estágio dependerá mesmo se o licenciando tornar-se-á ou não um professor, ou seja, sabe-se que experiências que não são bem amparadas podem ser traumáticas e afastar para sempre o detentor do título de licenciado da sala de aula. E quantos são professores de arte hoje, em nosso Estado, somente porque soubeste, além de orientar, compreender, estimular, animar!

Ora, como profissional e como amiga, tu sempre me pareceste sem defeitos: a *finesse* em pessoa, a integridade, a sensibilidade, a inteligência, a capacidade de ouvir e compreender, a humildade – às vezes, excessiva, sempre te falei isso – a sinceridade, a amizade, o amor à família, a dedicação incomensurável aos professores, alunos, ex-alunos e mesmo os professores que nem alunos teus foram. Bem sabes o quanto te admiro, mas não vou continuar tecendo elogios genéricos à tua pessoa, pois encômios podem servir para mais de uma pessoa, e tu és única. E tudo que eu dissesse poderia parecer decorrente das circunstâncias.

Assim, vamos recordar situações concretas que vivemos juntas, pois elas certamente nos ajudarão a te manter sempre na lembrança. Tua família divide-se em três: teus pais e irmãs; marido e filho; alunos e professores. Amor desmedido para com todas elas. Eu, com meu péssimo hábito de adjetivar os professores de ensino básico, carinhosamente, de coitadinhos, até porque sei o que é isso, eu o fui durante muitos anos, sempre tinha que verificar se estavas por perto, e ia disfarçando e baixando a voz, pois nem carinhosamente admitias que eles fossem considerados coitadinhos. Talvez devesse chamá-los de heróis; para mim, teria o mesmo sentido, de resistentes, mas tenho certeza que a alcunha de heróis tu aceitarias; pena que só agora tive essa ideia, mas tenha a certeza que tu é que me fizeste refletir sobre isto.

Tua tese de doutorado, que deve ser mais e mais explorada, traz bons exemplos desse heroísmo, alguns capturados nas tuas fotos, imagens que só tu mesma poderias captar. E só elas poderiam ser objeto de estudo sobre a sala de aula de arte e a condição do professor. Não esqueço daquela foto tua, com uma professora em primeiro plano, diante da sala cheia, gritando para chamar a atenção dos alunos para uma repro-

dução de *Rosa e Azul*, de Renoir, colada em uma carta de baralho, para o papel ficar mais resistente. Entretanto, como o tamanho era mínimo e a sala era grande, nem mesmo os da primeira carteira enxergavam o que ela mostrava. Um exemplo de heroína! A tese é uma ode ao ensino de arte e, como disse a Ana Mae na tua defesa – estás lembrada?, deveria ser feita uma exposição das fotografias. Ainda é tempo, vamos organizá-la?

Lembro agora de quando fomos ao Congresso da InSEA em Portugal. Todas as noites, nos hotéis, na hora de dormir, eras sempre a primeira a dizer: “boa noite, Sandra!” E eu, “boa noite, Cris!” Só que minutos depois vinha algo à cabeça de uma ou de outra e a conversa recomeçava. Parecia não se esgotar e, então, havia outra troca de boas noites. Talvez numa terceira ou quarta vez o boa noite não viesse a ser quebrado. Ou seja, nossa conversa sempre foi inesgotável, tantas coisas em comum, e mesmo tantas ideias diferentes, tantas histórias... Precisava sempre um novo boa noite.

- “Boa noite, Sandra!”

- “Boa noite, Cris!”

Isto virou quase um bordão na cumplicidade da nossa amizade, mesmo depois que voltamos da viagem, cada vez que nos encontrávamos na UDESC. Isto mostrava, sabíamos, a ambiguidade da despedida: dar boa noite não queria dizer que a conversa se encerrava, ao contrário, indicava que ela tinha continuidade, pois ela poderia sempre recomeçar, em seguida, ou mesmo no dia seguinte. Ao contrário: nosso “boa noite” queria dizer que nada termina de vez; que tudo continua. E hoje, aqui nesta carta tão cheia de saudade e de lembranças, nossos boas noites lusitanos vêm à mente para se dar outro sentido à ambiguidade da despedida:

- “Boa noite, Cris!”

E não direi “dorme com os anjos”, mas “junta-te aos anjos”, pois acho que sempre estiveste aqui entre nós ensaiando para desempenhar este papel. Com meu carinho de sempre, meu reconhecimento, minha admiração e minha gratidão por ter provado da tua companhia.

Sandra Ramalho

*Professora do Departamento de Artes Visuais
Centro de Artes | CEART- UDESC*

Afeto, não há palavra melhor para falarmos da professora Maria Cristina Pessi. A **educação pelo afeto**, no sentido amplo da palavra, tanto afeto de emoção, extravasamento do sentimento, pois Cris foi, é e sempre será puro sentir, transbordamento de emoção e sensibilidade à flor da pele/alma e também no sentido ‘epinósista’ da palavra, pura afecção, afetar o outro, atravessar o outro e provocar no outro uma educação que se mova pelos sentidos amplos da vida; tecida, experimentada em uma multiplicidade nas redes que se constituem nossas relações.

Cris, como chamada pelos que conviviam com ela, sempre agiu e falou de afeto, sempre deu importância aos encontros, sempre propiciou e valorizou a experiência. Afeto pela educação, pela formação docente, pelos professores, pela sua profissão, pela vida, pela família que tanto prezou e amou. Vários eram os momentos em que pude ver e sentir a singeleza de Cristina com seus alunos, o incentivo constante para que não desistissem dos estágios curriculares supervisionados do curso de Licenciatura de Artes Visuais, um amor sem medidas que propunha o contágio alegre e positivo do que a educação pode oferecer para aquele que decide abraçá-la. Sem negar os momentos de incertezas e até mesmo de sofrimento no processo de formação docente, extrair o que é bom, o que pode ser não só uma profissão, mas uma escolha feliz é o que Cristina provocava constantemente em seus alunos.

Cristina sempre entendeu os indivíduos como produto dos encontros, dos acontecimentos; saber ouvir seus alunos com respeito e com carinho era, muitas vezes, sua diretriz. Com certeza em cada um de nós que frequentou suas aulas, ficou marcada uma pessoa com uma fala em aula que saía clara e lenta pelos seus lábios, acolhedora, porém antes filtrada, pensada, muito pensada... Ficava às vezes minutos pensando no que iria falar e cada palavra dita era pela busca do incentivo e compreensão sobre o que seus alunos dividiam com ela, sobre momentos de felicidade e incerteza no encontro com a educação.

Ela estimava John Dewey (1859-1952), um entre tantos teóricos que utilizava como referência em suas pesquisas, e via na experiência, a partir de Dewey, um exercício para o pensamento reflexivo, que provoca pensar em si mesmo em contínua construção e reconstrução indo ao encontro do outro, pois, nossas experiências subjetivas entram no jogo constante das relações. Somos e vivemos pelos contágios propiciados pelos encontros ao longo da vida. Cristina nos contagiou com o seu largo sorriso, sua humildade, sutileza, delicadeza. Mais do que exemplo de profissional, de pessoa, ela produziu marcas de vida por onde passou. A Educação em Arte deve se honrar em tê-la, hoje, como referência para a pesquisa.

Juliana C. Pereira

*Professora substituta do Departamento de Artes Visuais
Centro de Artes | CEART- UDESC*